

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**JULI COSTA SOUZA BUENO**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA QUESTÃO DE MÉTODO**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2014**

JULI COSTA SOUZA BUENO



**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA QUESTÃO DE MÉTODO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino– Polo UAB do Município de Ibaiti, Paraná, na Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Professora Dr. Maria Fatima Menegazzo Nicodem.

**EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

MEDIANEIRA

2014



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de  
Ensino



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Alfabetização e letramento: uma questão de método

Por

**Juli Costa Souza Bueno**

Esta monografia foi apresentada às 09:00h do dia 01 de Novembro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Ibaiti/PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

UTFPR – Câmpus Medianeira

*Orientadora*

Prof<sup>o</sup> Dr. André Sandmann

UTFPR – Câmpus Medianeira

*Membro*

Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Cidmar Ortiz dos Santos

UTFPR – Câmpus Medianeira

*Membro*

Dedico este trabalho aos meus familiares em especial meu esposo e filho que estão sempre ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, por ser meu provedor e protetor, amado da minha alma.

A minha família, Nicolas e Heber por serem meus companheiros e me compreenderem sempre quando quero e preciso continuar estudando.

A minha orientadora, Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem, que teve muita paciência comigo e de uma forma tão singela, especial, amorosa e objetiva me orientou neste trabalho.

Às minhas companheiras de trabalho que me proporcionam momentos de troca de experiências e de muita sabedoria quanto a este universo da Alfabetização.

A minha escola querida, Arco-Íris Dom Bosco, que me permite traçar os caminhos da educação.

“Assim é que criança aprende, captando habilidades pelos dedos das mãos e dos pés para dentro de si. Absorvendo hábitos e atitudes dos que a rodeiam, empurrando e puxando o seu próprio mundo. Assim é que criança aprende, mais por experiência do que por erro, mais por prazer do que pelo sofrimento, mais pela experiência do que pela sugestão e mais pela sugestão do que pela direção. E assim a criança aprende pela afeição, pelo amor, pela paciência, pela compreensão, por pertencer, por fazer e por ser [...]”

*Frederick Molfeti*

## RESUMO

BUENO, Juli Costa Souza. **Alfabetização e letramento: uma questão de método.** 2014. 41p. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Alfabetização e letramento são conceitos que todos os professores conhecem e vivenciam, mas poucos entendem sua relação de interação. Alfabetizar vai muito além de ensinar a ler e escrever, alfabetizar deve ser uma prática associada ao letramento, que leva a refletir sobre os diversos meios que efetivam este processo de ensino e aprendizagem. Para este trabalho, foi escolhido o Sociointeracionismo de Vygotsky como método de ensino a ser estudado, destacando suas principais contribuições para a prática educativa. De forma teórica bibliográfica o presente trabalho tem como principais autores Soares (2013); Freire (1996); Ferreiro (1987); Moll (1996); Lemle (1991) que postularam a cerca da Alfabetização e Letramento, destacando as definições que envolvem este universo, a representação da linguagem e compreensão do sistema da escrita, como também os processos da alfabetização e letramento. Os autores Bakhtin (2014); Rego (2012); Castorina (1995), Oliveira (1995, 1993) foram utilizados para referenciar o estudo sobre o Sociointeracionismo, destacando as principais idéias de Vygotsky e como se percebe o desenvolvimento da aprendizagem sobre a ótica vygotskiana, as implicações das idéias de Vygotsky para a educação e para a escola e seus educadores, as relações entre pensamento e linguagem como a sua aquisição.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Sociointeracionismo, Aprendizagem.

## ABSTRACT

BUENO, Juli Costa Souza. Literacy and literacy: a question of method. 2014. 41p. Specialization monograph in Education: Methods and Teaching Techniques. Universidade Tecnológica Federal of Paraná, Mediatix, 2014.

Literacy and literacy are concepts that all teachers know and experience, but few understand its relationship interaction. Literacy goes far beyond teaching reading and writing, literacy should be one associated with literacy, which leads to reflect on the various ways that actualize this process of teaching and learning practice. For this work, was chosen as the Sociointeracionismo Vygotsky teaching method to be studied, highlighting his major contributions to educational practice. Bibliographic theoretically this study's main authors Soares (2013); Freire (1996); Ferreiro (1987); Moll (1996); Lemle (1991) who postulated about Literacy and Literacy, highlighting the settings that surround this universe, the representation of language and understanding of the writing system, as well as the processes of literacy and literacy. The Bakhtin (2014) authors; Rego (2012); Castorina (1995), Oliveira (1995, 1993) were used to refer to the study of Sociointeracionismo, highlighting the main ideas of Vygotsky and how to realize the development of learning on the Vygotskian perspective, the implications of Vygotsky's ideas for education and to school and their teachers, the relationship between thought and language and its acquisition.

.

**Keywords:** Literacy, Literacy, Sociointeracionismo, Learning.

## SUMÁRIO



<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	13
<b>3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS E REFLEXÕES</b> .....	14
3.1 CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO .....	15
<b>3.1.1 O Processo da Alfabetização</b> .....	22
3.2 CONCEITUANDO LETRAMENTO .....	26
3.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB O OLHAR DO SOCIOINTERACIONISMO DISCURSIVO .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

O que determina a qualidade de vida de um cidadão está diretamente atrelado ao seu completo domínio dos símbolos da escrita e de todos os meios de comunicação. Com isso uma grande atenção é dispensada na atividade de alfabetização e letramento, professores procuram o tempo todo alternativas de ensino para atingir a finalidade da aquisição da leitura e escrita, que é a entrada plena da criança na sociedade letrada.

Este processo de ensino não pode se limitar ao reconhecimento mecânico e linear dos símbolos, mais do que isso, é importante saber combiná-los, para que este conhecimento seja usado de forma adequada e funcional.

Com isso, percebe-se que o processo de alfabetização e letramento envolve múltiplas facetas e cada uma requer atuações didáticas e pedagógicas diferenciadas e assim várias métodos e alfabetização se unem em prol do sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita.

Alfabetização e letramento são conceitos que se entrelaçam, tornando-se um conjunto de habilidades que se caracteriza como um fenômeno de natureza complexa e multifacetado.

Entendendo que a alfabetização e letramento se somam, torna-se então de fundamental importância, para a prática educativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o como realizar este trabalho de forma efetiva, identificando os melhores métodos para se alcançar o principal objetivo nesta etapa de ensino, que é a aprendizagem da leitura e da escrita, não se esquecendo de aguçar, por meio do letramento, o desenvolvimento de competências para o uso correto da escrita e da leitura.

Sendo a alfabetização são processos simultâneos e indissociáveis, que proporciona uma aprendizagem plena do sistema alfabético e ortográfico da escrita, o trabalho em sala de aula deve estar atrelado e fundamentado em ações que contemplem esta soma de Alfabetização e Letramento.

Tudo isso deve estar atrelado a percepção de que o indivíduo constrói seu desenvolvimento em um âmbito social, por meio de trocas de experiências, convívio, mediação e interações sociais, assim a escola na figura do professor deve promover o aprendizado que parta do que o aluno já conhece (real) e o conduza para o desenvolvimento do novo (potencial), ou seja, o professor deve se organizar

metodologicamente de acordo com as idéias de Vygotsky que entende que o aprendizado acontece pela interação social do indivíduo com o meio.

Diante disso, pergunta-se: o professor em sala de aula percebe a utilização de métodos na articulação dos procedimentos que envolvem a alfabetização e letramento, proporcionando a criança uma entrada plena no mundo da escrita? E percebendo isso, é importante conhecer e saber usar o método de alfabetização de forma coerente para a facilitação do processo de aprendizagem?

Escolheu-se então este tema de trabalho para que se possa entender como o professor pode utilizar as formas sociointeracionistas para promover o aprendizado, percebendo o que Vygotsky propõe para a educação.

O objetivo geral que permeou a elaboração desta monografia foi: analisar a prática pedagógica de alfabetização e letramento frente ao uso correto das práticas sociointeracionistas. E como objetivos específicos foram eleitos os seguintes: descrever como se dá a Alfabetização e o Letramento; conhecer o trabalho do Sociointeracionismo de Vygotsky percebendo as principais contribuições de suas idéias para a prática pedagógica no universo escolar.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa foi teórico bibliográfica que é “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborada, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1991, p.48).

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, o que permite ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla (GIL, 2010, p. 30).

Assim, está pesquisa compreende uma fundamentação bibliográfica, que aborda diversos conceitos e visões de diferentes autores contemporâneos sobre Alfabetização e Letramento, como também o Sociointeracionismo.

### 3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEITOS E REFLEXÕES

Pensar em alfabetização e letramento é pensar em educação, segundo o dicionário Aurélio a palavra educação defini-se: “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua maior integração individual e social”. Sendo assim o educador precisa estar ciente de sua atuação como um todo, pois é ele que se envolve com o educando, promovendo um trabalho de educação que vise o pleno desenvolvimento do aluno.

Tudo isso é influenciado pelos novos desafios da educação, que são os acessos a informações que se manifestam de maneira muito rápida, o papel do professor então é de estar sempre atento, desafiando a si mesmo a obter o conhecimento do mundo externo e interno da escola. Na educação as aulas já não saem como o previsto e muitas vezes o desinteresse da turma é tão grande que se torna visível, as informações chegam de maneira acelerada e as formações de ideias também, e isso se tornou um dos maiores equívocos na educação deste século.

Assim surge a Alfabetização e Letramento uma ação pedagógica comum nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas de muita complexidade devido as suas muitas facetas, as quais requerem um trabalho dinâmico que envolve muitos métodos, técnicas e outros fatores determinantes para o sucesso ou insucesso do mesmo.

Para entender melhor toda a dinâmica do trabalho de alfabetização e letramento é necessário realizar primeiro um trabalho de conceitualização. Alfabetização é a ação que permite e capacita o sujeito a interagir com a leitura e a escrita, Soares ainda acrescenta:

Alfabetização é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo – criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas , é, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as suas funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (1998, p.33)

Alfabetizar é um processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita.

Assim, até algum tempo atrás ler e escrever apenas decodificando símbolos era suficiente pra viver em sociedade, mas os tempos são outros, atualmente a sociedade quer indivíduos mais capacitados, que acompanhem o ritmo acelerado do mundo e assim possa realizar uma leitura mais dinâmica e eficiente do mundo, com essa nova exigência surge o Letramento.

Quanto à importância dessa leitura de mundo Paulo Freire coloca:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. (1989, p. 11-12)

O letramento decorre das práticas sociais que a leitura e a escrita exigem, nos diferentes contextos que envolvem a compreensão e expressão lógica e verbal. É a função social da escrita enquanto a alfabetização envolve o desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita.

Segundo Soares (2003,p.15-25) letramento é “o processo de apropriação das praticas sociais da leitura e da escrita acrescido no envolvimento com as praticas sociais da leitura e da escrita”.

Portanto, letramento é fazer o uso social da “tecnologia da escrita”, compreendendo as habilidades de ler e escrever, imergir no imaginário, interpretar e produzir diferentes tipos de gêneros textuais, utilizar a escrita para encontrar informações e conhecimento.

### 3.1 CONCEITUANDO ALFABETIZAÇÃO

Conceituar alfabetização não parece difícil, nem tampouco complicado, afinal qualquer um responderia que alfabetizar é ensinar a ler e escrever, mas o que torna essa reflexão mais complexa e cheia de entraves é que sua definição vem mudando ao longo do tempo de acordo com as novas exigências do mundo

globalizado e suas novas formas de convivência, relação interpessoal e interpretação de mundo.

Para este momento de delimitação de conceitos e saberes sobre a alfabetização, selecionamos SOARES, FERREIRO e FREIRE como autores base desta discussão.

Segundo Soares (2013), alfabetização, em seu sentido próprio e específico é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita (SOARES, 2013, p. 15).

[...] é um processo de representação do fonema e dos grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse capaz de decodificar símbolos sonoros. “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considerariam “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua ao expressar-se por escrito (SOARES, 2010, p. 16).

Alfabetização então é o processo de apropriação da tecnologia da escrita, por meio de habilidades, ou seja, um conjunto de ações que viabilizam a aprendizagem da escrita e leitura, tais como: codificação e decodificação de fonemas e grafemas, habilidades motoras, postura corporal, direção e organização correta da escrita e manipulação correta e adequada da leitura.

Para Soares (2010), o debate em torno da alfabetização desenvolve-se em torno de dois pontos de análise que estão presentes na expressão “ler e escrever”. Primeiro quando há um domínio da mecânica da língua escrita, assim alfabetizar significa adquirir habilidade de codificar e decodificar a língua oral em escrita. O segundo ponto da alfabetização seria um processo de compreensão/expressão de significados.

A alfabetização acontece sobre uma ótica “mecânica” da língua escrita versus compreensão/expressão de significados, como apresenta a autora:

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar a aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas a aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação de fonemas-grafemas, de outro

código, que tem, em relação ao código oral,, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias de expressão/compreensão (SOARES, 2013, p. 17).

Ainda sobre alfabetização tem-se outra reflexão seguindo na mesma direção:

Alfabetização se reduz a uma esfera mecânica, na qual “alfabetizar-se” está vinculado a habilidades de codificação (ou representação escrita de fonemas e grafemas) e decodificação (ou representação oral de grafemas em fonemas) (MOLL, 1996, p. 68).

Diante disso, entende-se que o individuo torna-se alfabetizado quando se apropria da habilidade da leitura e da escrita, ou seja, na medida em que o individuo consegue apropriar-se das letras do alfabeto e consegue organizá-la de forma coerente, considera-se que este é ou está alfabetizado.

Para que a alfabetização não se cabe apenas nos processos de codificar e decodificar símbolos, o processo de alfabetização precisa ser contextualizada, significativa e continua (letramento) “A Alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo o início é, na maioria dos casos, anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primaria” (FERREIRO, 1999, p.47).

É preciso que aconteça uma leitura de mundo antes mesmo da leitura da palavra, indo além de uma alfabetização apenas pela codificação e decodificação de símbolos, onde o individuo aprende escrever escrevendo, compreendendo e se apropriando do que é lido, para ele o ato de alfabetizar-se é “ adquirir uma língua escrita através de um processo de construção do conhecimento com uma visão critica da realidade” (FREIRE, 1983, p.49).

Freire preconiza a necessidade de possibilitar a criança que ela crie conhecendo e que conheça criando, expressando-se e expressando o mundo, ele ainda coloca que no processo de alfabetização a aprendizagem da leitura e da escrita revela-se como um instrumento para a formação da consciência critica, por meio dos processos de investigação, tematização e problematização

Para o momento da investigação, Freire sugere o levantamento de palavras e temas geradores relacionados a experiência cotidiana dos alfabetizandos. Na tematização, os assuntos escolhidos são contextualizados para a superação da visão mágica da



realidade e construção de uma visão crítica. Nesta etapa, processa-se a produção escrita na elaboração de subsídios para a leitura, na análise segmental das palavras escolhidas e no estudo das famílias silábicas presentes nessas palavras – é a etapa da tomada de consciência. Na terceira etapa volta-se a realidade, agora problematizada, para deliberar formas de intervenção (MOLL, 1996, p. 96).

Nesta visão de Freire para a alfabetização, tem-se um ação pedagógica que deve está voltada para a superação, para a crítica bem fundamentada de tudo que está a volta do educando “(...)Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política” (FREIRE apud GADOTTI, 1989, p.40).

Pensando nesta perspectiva social da alfabetização que é essa leitura de mundo, o individuo não aprende sozinho. O alfabetismo não se limita apenas a posse individual de habilidades e conhecimentos, implica sim em um conjunto de praticas sociais associadas com a leitura e escrita, exercidas pelas pessoas num contexto social, que a permite construir visão crítica da realidade (SOARES, 2013, p.35).

O alfabetismo envolve mais que apenas ler e escrever, ele é um conjunto de habilidades que promovem ações de respostas as demandas sociais. Este apresenta-se apenas por conseqüências positivas, pois ele torna-se responsável pelo desenvolvimento cognitivo e econômico, pela mobilidade social, pelo progresso profissional e pela promoção da cidadania.

A aprendizagem, conforme Russo; Vian (1999), precisa ser vista como um processo de apropriação do conhecimento, que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sobre o objeto que ele quer conhecer, sendo assim o conhecimento, a aprendizagem e, por conseguinte a alfabetização se dá a partir do contato da criança e os objetos escritos a serem desvendados.

A instituição escolar passa a ser entendida, então, como o local apropriado para o processo de alfabetizar, o ensinar a ler e escrever, mas para que a escola possa ensinar é importante descobrir como se aprende e como se dá o processo de ensino e aprendizagem.

Todo o processo de alfabetização que consiste em ensinar e aprender a ler e escrever precisa passar pela premissa das capacidades necessárias do professore alfabetizador, ou seja, o que o alfabetizador precisar para que este processo

aconteça da melhor forma possível. Aqui destaca-se a importância do ambiente alfabetizador.

Segundo Russo Vian (1999), a sala de aula deve ser um lugar para despertar os sentidos dos alunos, transformando-se num local apropriado para a aprendizagem. A criança antes de entrar na escola já está em contato com um meio cheio de cores, formas, imagens e letras que já aguçam sua curiosidade que a levará a entender que a função social da escrita é a comunicação, sendo assim a sala de aula e a escola precisa também ser agradável aos olhos e mãos, para que a alfabetização ocorra em todos os lugares e por meios de todos, sendo assim, a prática pedagógica não pode ser improvisada, precisa ser organizada e fundamentada.

Quanto aos saberes do educando, para a prática da alfabetização, destacamos cinco saberes importantes neste início do processo de alfabetização:

[...] A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre as letras e sons da fala. A segunda é a capacidade de enxergar as distinções entre as letras. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua. A quarta é a dificuldade de captar o conceito de palavra, estabelecendo uma relação simbólica entre os sons dessa palavra falada e as letras com que a palavra é escrita e por fim a quinta dificuldade é o reconhecimento das sentenças. (LEMLE, 1991, p.9)

A autora ainda apresenta como cerne deste processo de alfabetização, a difícil tarefa para o educador de estabelecer uma relação real entre a letra e o som, ela acrescenta que o modelo ideal do sistema alfabético é o de que cada letra corresponda a um som e cada som a uma letra, mas essa relação acontece somente em poucos casos.

Quando se trata de capacidades essenciais para a alfabetização, colocamos como primeiro problema o de compreender que existe uma relação de simbolização entre as letras e sons da fala. Todo o sistema alfabético de escrita tem essa característica essencial: os segmentos gráficos representam segmentos de sons (LEMLE, 1991, p.16).

A criança busca sua aprendizagem na medida em que constrói seus raciocínios lógicos, assim o processo de ler e escrever passa por níveis, estes por sua vez revelam a que ponto a criança chegou e ainda mostra o que deve ser feito

para o avanço. Tudo isso revela que o professor precisa conhecer este processo e mais do que isso, conhecer seu aluno.

Cabe lembrar que toda a mágica está em criar possibilidades de conhecimento e não transferi-lo sem qualquer crítica: “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.52).

Estas considerações levam a entender a natureza do processo da alfabetização, descrita por Magda Soares, que está atrelado a estudos e pesquisas a respeito das diferentes facetas que envolvem to o processo da alfabetização, essas, por sua vez referem-se às “perspectivas psicológicas, psicolingüística, sociolingüística e lingüística da alfabetização” (SOARES, 2013, p.18).

A perspectiva psicológica da alfabetização ocorre sob a ótica dos processos psicológicos que são considerados essenciais, ou seja, pré-requisitos, para a aprendizagem que são as relações entre a inteligência e a alfabetização e entre os aspectos fisiológicos e neurológicos, dando ênfase ao estudo do desenvolvimento do esquema corporal, estruturação espacial e temporal, discriminação visual e auditiva e psicomotricidade como fatores determinantes no processo da alfabetização. Essa visão perpetuou durante muito tempo nas áreas de estudo sobre a aprendizagem. Atualmente, o foco dos estudos está voltado para abordagens cognitivas da alfabetização, destacando a “Psicologia Genética de Piaget e os trabalhos desenvolvidos por Emilia Ferreiro” (SOARES, 2013, p.19).

Esta perspectiva cognitiva da alfabetização nos remete a perspectiva psicolingüística a respeito da leitura e da escrita, que envolve em seus estudos, conforme Soares, uma análise de problemas relacionados a este processo, tais como: caracterização da maturidade lingüística para a aprendizagem, “relações entre linguagem e memória, interação entre a informação visual e não visual no processo de leitura e escrita e outros” (SOARES, 2013, p.19).

Já a perspectiva sociolingüística nos conduz ao uso social da linguagem, que enfrenta como problema das diferenças de dialetos que devem ser considerados durante todo o processo de alfabetização, pois há grande diferença entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico e morfológico da linguagem de acordo com os dialetos locais. Assim o processo de alfabetização sofre influencia do meio, pode-se dizer que este processo ocorre de forma diferente nas regiões brasileiras e mais do que isso este processo ocorre de forma diferente entre alunos

de classes sociais menos favorecidas, que não convivem com “falantes mais próximos da língua escrita e muito menos próximas ao contato visual de matérias escritas” (SOARES, 2013, p.20).

Vale destacar aqui Paulo Freire, um defensor da educação que respeita o educando, como ele é e com o que traz de casa. Uma ação pedagógica pautada pelo bom senso, que respeita as diferenças e as torna um fator preponderante para o sucesso deste processo, ele coloca “O respeito devido a dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola” (FREIRE, 1996, p. 71).

Soares (2013), acrescenta sobre o contexto social que influencia no sucesso do processo de ensino e aprendizagem em detrimento da teoria da deficiência cultural, onde a criança chega a escola com uma linguagem deficitária e pobre:

Para a teoria da carência cultural, crianças das camadas populares, ao contrario das crianças de classes favorecidas, apresentam um déficit lingüístico, resultado da privação lingüística de que são vitimas no contexto cultural em que vivem (comunidade social e família); esse déficit lingüística, de que decorre um déficit cognitivo, é considerado o principal responsável pelas dificuldades de aprendizagem dessa criança na escola (SOARES, 2006,p. 21).

Por fim tem-se a perspectiva lingüística da alfabetização, que é fundamentalmente “Um processo de transferência de seqüência temporal da fala para a seqüência espaço-direcional da escrita, e de transferência de forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita”, sendo assim o processo de alfabetização não pode ocorrer de qualquer forma, escolhendo qualquer fonema, este obedecer a etapas fonemas-grafemas, para a melhor aprendizagem (SOARES, 2013, p. 21).

As perspectivas até aqui descritas influenciam na concepção do processo de alfabetização, mas cabe ainda acrescentar os fatores sociais, econômicos e políticos que condicionam toda a alfabetização. No que tange a fatores sociais e econômicos que influenciam este processo temos ainda a acrescentar que a escola muitas vezes valoriza a escrita e censura a língua oral espontânea, assim as crianças de classes mais favorecidas culturalmente e economicamente falando se adaptam melhor as escolas, em contrapartida as crianças de classes sociais menos favorecidas encontram serias dificuldades de adaptação e de aprendizagem, pois todo o processo está muito distante de sua realidade (SOARES, 2013, p. 22).

No sentido da aprendizagem da língua escrita, a diferença entre os sujeitos que vivem em espaços sociais excluídos do acesso a língua escrita (analfabetos) e de outros que socializam-se em espaços plenos de leitura e escritas (alfabetizados) não se explica, via de regra, na possibilidade cognitiva ou em alguma deficiência específica, mas nas oportunidades sócio-culturais diferenciadas vividas por eles. Na escola é preciso considerar o ponto de partida em que a criança se encontra no momento de seu ingresso. Por ignorar quem a criança é, a escola exige dela o que não tem, considerando naturais coisas que para ela são desconhecidas (MOLL, 1996, p. 71).

Tudo isso leva a pensar que o processo de alfabetização realmente é um processo de natureza complexa, não caminha sozinho, não são dirigidos apenas por técnicas, todo este processo leva a um conjunto de práticas governadas pelas concepções de: o quê, como, quando e por que ler e escrever.

### **3.1.1 O processo da alfabetização**

Antes da criança entrar na escola, já está em contato com o meio, que se torna alfabetizador dela, por meio de formas, cores e imagens. Mas para que este meio seja efetivamente um meio alfabetizador, ela precisa ser preparada para perceber tudo ao seu redor, mas sua observação e sua curiosidade precisam ser despertadas.

Diante disso surge a escola, com a capacidade de aguçar a criatividade, curiosidade e atenção das crianças para com tudo que está ao seu redor e assim proporcionar aprendizagem. Assim surge a alfabetização em toda a sua essência.

A escola como um ambiente alfabetizador pode fornecer elementos que desafiem o sujeito a pensar sobre o que escreve, este ambiente precisa ser mediador do conhecimento e da aprendizagem que posteriormente levará a ampliar, revisar e transcender a leitura original “Esse ambiente pode mediar a relação entre o sujeito que aprende, enquanto conhecimento a ser apreendido” (MOLL, 1996, p. 68).

Sendo assim, o processo de alfabetização precisa ser estudado com mais atenção em todas as suas particularidades, principalmente como este processo de

está baseado na visão de alguns autores, para este momento, destacamos os trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

Muitos autores descrevem como este processo se dá, mas para este trabalho escolheu-se a pesquisa de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, “APsicogênese da Língua escrita”, pesquisa essa desenvolvida na Argentina por dois anos, com crianças de 4 a 6 anos, alunos de escola pública e particular.

Russo; Vian (1999) afirma que muitas foram às conclusões desta pesquisa, mas vamos destacar aqui que o processo da escrita e da leitura, ou seja, a alfabetização ocorre em cinco níveis, sendo eles: Nível I – hipótese pré silábica; Nível II – intermediário I; Nível III – Hipótese silábica; Nível IV – hipótese silábico alfabética e Nível V – hipótese alfabética.

Na fase da Hipótese pré silábica, conforme Russo;Vian (1999), a criança não estabelece vínculo entre a fala e a escrita, sendo seu maior desafio entender os sinais escritos; na fase intermediária a criança começa a perceber a relação entre a pronuncia e a escrita e agora seu desafio é estabelecer um vínculo entre a escrita e a pronuncia das palavras; no terceiro nível o aluno já supõe que a escrita representa a fala e seus desafios são de entender todo este processo de escrita vinculada a fala; no quarto nível o aluno inicia a superação da hipótese silábica e compreende que a escrita representa o com da fala e por fim o nível cinco a criança já entende a função social da escrita que é a comunicação e seus desafios são baseados em suas novas descobertas.

Tudo isso torna o processo de alfabetismo muito complexo, haja vista que em cada nível descrito aparecem atividades e ação específica que requerem olhares diferenciados por parte dos educando, sendo assim, o alfabetizador precisar conhecer muito bem esses níveis para atuar da melhor forma possível.

Lemle (1991) argumenta a respeito dos processos em forma de etapas, quatro etapas distintas relacionadas ao processo da aprendizagem da leitura e da escrita. A primeira etapa por ela descrita é a teoria do casamento monogâmico entre sons e letras.

A primeira etapa consiste em mostrar a criança que cada letra possui um som, estabelecendo uma relação de um para um, ou seja, uma hipótese monogâmica do alfabeto. Então o processo de alfabetização se inicia com o aprendizado das letras que possuem apenas um par, para ela “letras virtuosas do português” e aos poucos mostrar cada uma (LEMLE, 1991, p. 26).

A segunda etapa seria a teoria da poligamia com restrições de posição, esta etapa consiste em conscientizar o aprendiz que a relação de um para um das letras não acontece em todos os casos, ou seja, existem letras que podem ter diferentes sons, estabelecendo uma nova hipótese “Para cada som numa dada posição, há uma letra; e cada letra numa dada posição, correspondente um dado som” (LEMLE, 1991, p.27)

As partes arbitrárias do sistema ou teoria de poligamia com restrição de posição é a terceira fase descrita nesta, o alfabetizando estabelece uma nova relação de correspondência entre os sons e letras “Para cada som numa dada posição, há uma dada letra; a cada letra numa dada posição, corresponde a um dado som. Em certos ambientes, certos sons podem ser representados por mais de uma letra”. Tudo isso se relaciona ao entendimento de que duas ou mais letras rivalizam na simbolização de um mesmo som na mesma posição (LEMLE, 1991, p.31-32).

E, por fim, a autora descreve sua última etapa no processo de alfabetização, quando o nomeia de “Um pouco de morfologia”, na qual descreve a importância de se perceber e identificar as regularidades ligadas a morfologia das palavras por meio dos afixos/sufixos/prefixos na língua portuguesa (LEMLE, 1991, p.36-37).

Ferreiro (1987) apresenta a escrita como um sistema de representação que pode ser concebida de duas formas distintas: representação da linguagem ou como código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

Para ela a diferença entre essas duas formas é: no caso da codificação tanto os elementos como as representações já estão predeterminadas; no caso da criação de uma representação, nem os elementos em as relações estão predeterminadas, ou seja, “há uma separação do som e da escrita, a escrita converte as unidades sonoras em unidades gráficas (visual e auditiva)” (FERREIRO, 1987, 14).

Ferreiro acrescenta sobre esta dicotomia entre as unidades sonoras e gráficas da linguagem:

Se a escrita é concebida como um código de transcrição, a aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita for concebida como um sistema de representação, a aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual (FERREIRO, 1987, p.16)

Todo o processo de alfabetização está atrelado muitas vezes a apropriação da escrita e da leitura, tudo isso em função de um propósito que é o sucesso da alfabetização baseado sempre nas ações docentes dentro das salas de aula.

Este processo de alfabetização ocorre, em sua grande maioria, dentro de um espaço dominado pelo profissional da educação o professor alfabetizador, que precisa estar atento a todas as particularidades elencadas acima, para que sua ação seja ainda mais efetiva. Quanto a este paradigma de relação entre o educador, aprendiz e a escola:

- A alfabetização é um processo de construção do conhecimento e, como tal, é desencadeada pela “inter-relação” permanente entre o educando e o objeto de conhecimento.
- A alfabetização se consolida num processo de construção de estruturas de pensamento específicas.
- A intervenção docente é um elemento dinamizador da prática pedagógica e se efetiva na proposição de atividades desequilibradoras e reequilibradoras das estruturas de pensamento do educando.
- A língua escrita é um sistema de representações histórico-culturais e, como tal, só tem sentido como aprendizagem cultural se for revestida desse caráter. (MOLL, 1996, p. 188).

Assim a alfabetização precisa ser vista como um processo que requer inúmeras especificidades tanto para os educadores e ambientes especializados quanto por parte do aprendiz. A alfabetização requer reflexões contínuas sobre suas práticas diárias e que muitas vezes levará a mudanças estruturais para o sucesso deste processo.

### 3.2 CONCEITUANDO LETRAMENTO

Segundo Antunes (2013), a escola é o local no qual se constroem saberes, se solidificam os conhecimentos acumulados, edifica-se a cultura, desenvolvem-se conhecimentos, aprimoram-se capacidades e estimulam-se inteligências. Toda a escola passa a ser um centro epistemológico por excelência.

É importante destacar que a escola não é a única fonte do saber e da construção do conhecimento, o aluno constrói e desenvolve seu próprio conhecimento. O papel da escola está em ser um local apropriado para o



desenvolvimento dos saberes, o professor é apenas o mediador entre o aluno e o saber.

Tudo isso nos leva a dois conceitos por parte dos professores e dos alunos: Alfabetização e Letramento. O primeiro já foi comentado, mas então o que seria letramento? Como a escola deve agir e pensar sobre isso, haja vista que é seu princípio norteador?

Letramento é um conceito recente, surge no Brasil em meados de 1980, atrelado ao alfabetismo, “é o processo de apropriação das práticas sociais da leitura e da escrita acrescido do envolvimento com as práticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 2013, p. 14).

Letramento, então, é o estado ou condição de quem responde adequadamente as intensas demandas sociais pelo uso amplo da leitura e da escrita.

Para muitos, alfabetismo e letramento caminham juntos, sem um preceder o outro, como afirma Soares (2004), já para outros autores deve haver uma distinção entre os dois conceitos.

Paulo Freire sem ter usado o termo Letramento, já falava sobre uma educação mais ampla, uma educação que não é neutra, ou seja, um processo de construção e reconstrução dos processos sociais. Uma prática que vá além das palavras soltas e sem significado, algo amplo e significativo e por que não ideológico.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançada por uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.11).

Ao se pensar nesta prática como sendo social, temos uma perspectiva sociológica, que tem a leitura e a escrita como práticas sociais, que estabelece uma relação entre essas práticas com as características sociais dos alunos, destacando o valor simbólico da escrita em diferentes contextos sociais (SOARES, 2013, p.38).

Paulo Freire se apresenta “contra” a alfabetização desvinculada da realidade do aluno, quando insurge contra as lições que falam de: “Eva e de uvas a homens que às vezes conhecem poucas Evas e nunca comeram uvas” (FREIRE, 1975,

p.104), ou seja, uma educação fora da realidade, porque não usar palavras reais para ser retiradas as “famílias silábicas”, assim ele já falava de letramento.

Vale ressaltar seus pensamentos sobre alfabetização/letramento:

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre a sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, com uma criação. Só assim parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim alfabetização tem sentido. (FREIRE, 1975, p.142).

Ele ainda acrescenta que para aprender a ler e escrever, há uma alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua para a conquista de uma consciência crítica (FREIRE, 1975, p.104).

Temos, então, a alfabetização e o letramento como processos diferentes, porém complementares e inseparáveis, que agem por meio de práticas de leitura e escrita em situações de intercâmbio social.

Assim, a escola que é uma agência do letramento por excelência deve promover espaços de experimentação de diferentes formas de participação dos alunos nas práticas sociais letradas.

### 3.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB O OLHAR DO SOCIOINTERACIONISMO DISCURSIVO

Todo o processo de alfabetização e letramento envolve diferentes e múltiplas facetas, que chegam a um ponto em comum, que é a prática pedagógica. Isso porque todo o processo sistematizado passa pelas mãos dos educadores e das escolas, mesmo entendendo que a alfabetização já se inicia muito antes do ingresso a escola.

Sendo assim o educador não pode se posicionar com neutralidade em todo o andamento deste processo, mesmo porque, como já mencionamos nos tópicos acima, a alfabetização, vai muito além do processo da aquisição da leitura e da escrita.

A intervenção docente problematizadora e desafiadora durante todo o processo deve ser pensada como uma prática de intervenção e não de neutralidade que vai além de métodos de ensino e aprendizagem. Sobre isso Ferreiro descreve:

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem. São provavelmente essas praticas (mais que métodos em si) eu tem efeitos mais duradouros, a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros domínios [...] (FERREIRO, 1987, p. 31).

O que nos leva a pensar no “como” o processo de alfabetização está sendo realizado nas salas de aula por educadores que haja vista devem pensar em suas práticas pedagógicas como ações de interação, respeito, intervenção, problematização e mudança para com os educandos, ou seja, uma educação que proporcione liberdade.

Pensar em “como” nos leva aos métodos de alfabetização que hoje são muitos, mas para este trabalho escolhemos o Sociointeracionismo discursivo, que tem como seu precursor Lev Semenovitch Vygotsky, que nasceu em 17 de novembro de 1896 em Orsha na Bielo-Rússia, casou-se aos 28 anos e teve duas filhas. Faleceu em Moscou 11 de junho de 1934 vítima de tuberculose.

Seu percurso acadêmico foi marcado pela interdisciplinaridade, já que realizou diferentes cursos, tais como: Direito, História e Filosofia e Medicina. A partir de 1924 dedicou-se sistematicamente aos estudos que envolviam a psicologia. Deteve-se ao estudo do controle consciente do comportamento, atenção e lembrança voluntaria, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento e outros. Seguindo as premissas do método dialético, procurou identificar as mudanças do comportamento que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano e sua relação com o contexto social (REGO, 2012, p. 23)

Vale ressaltar que, inicialmente, não existia uma preocupação de Vygotsky para a criação ou elaboração de uma teoria do desenvolvimento infantil, ele recorre apenas à infância para explicar o comportamento humano em geral. Um dos pontos centrais de sua teoria, segundo REGO, “é que as funções psicológicas superiores

são de origem sociocultural e emergem de processos psicológicos elementares, de origem biológica” (REGO, 2012, p. 25)

Para entender melhor sua teoria, é necessário conhecer as principais idéias de Vygotsky, a primeira se refere à relação indivíduo/sociedade, quando o homem modifica o ambiente através de seu próprio comportamento, por meio da interação dialética dele com o meio sociocultural, assim o homem ao mesmo tempo transforma o seu meio para atender suas necessidades e transforma-se a si mesmo (REGO, 2012, p. 27).

A segunda idéia decorre da anterior, pois se refere à origem cultural das funções psíquicas:

As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. Isto é, o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais humanas. A cultura é, portanto, parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações (REGO, 2012, p. 28)

A terceira se refere a biologia do funcionamento psicológico: o cérebro, visto como órgão principal da atividade mental. Já a quarta diz respeito ao processo de mediação presente em toda atividade humana, os signos constituídos durante toda a vida que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A última idéia de Vygotsky se postula na análise de que os processos psicológicos complexos se diferenciam dos mecanismos mais elementares (REGO, 2012, p. 29).

Até aqui se trata de elencar as principais interrogações formuladas por Vygotsky com relação ao conhecimento, para Castorina ele “quer obter uma explicação sócio-histórica da constituição das funções psíquicas superiores a partir das inferiores”, ou seja, como o pensamento ou memória são transformados de funções primárias em funções especificamente humanas (CASTORINA, 1995, p.14).

O esforço de Vygotsky foi mostrar que, além dos mecanismos biológicos apoiados na evolução filogenética e que estavam na origem das funções “naturais”, existe um lugar crucial para a intervenção dos sistemas de signos na constituição da subjetividade

humana. A tese é que os sistemas de signos produzidos na cultura na qual vivem as crianças não são meros “facilitadores” da atividade psicológica, mas seus formadores (CASTORINA,1995, p.14)

Vygotsky atribuiu enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano, tudo pela tentativa de explicar como o processo de desenvolvimento é socialmente constituído. Segundo ele, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social, ou seja, as características sociais dependem da interação do ser humano com o meio físico e social (REGO, 2012, p.37).

O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica e dialética através de rupturas e desequilíbrios provocadores de continuas reorganizações por parte do indivíduo (REGO, 2012, p.37).

Há duas linhas de desenvolvimento, de um lado estão os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural, ou seja, para ele, a história do comportamento da criança nasce da junção dessas duas linhas.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto ate a criança e desta ate o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre a história individual e a historia social (VIGOTSKY, 1984, p.33).

Uma das formas de entender os trabalhos de Vygotsky é analisar suas perspectivas sobre as relações existentes entre pensamento e linguagem, para ele está relação passa por varias mudanças ao longo da vida do indivíduo.

A função primordial da fala é o contato social, a comunicação, assim a fala mais primitiva da criança é em função do social impulsionada pela necessidade de comunicação, para isso Vygotsky chama de estágio pré-intelectual do desenvolvimento da fala. Neste mesmo momento a criança demonstra uma inteligência prática que consiste na capacidade de agir no ambiente, mas sem o uso

da linguagem, e neste sentido “Vygotsky chama de estágio pré-linguístico do desenvolvimento do pensamento” (REGO, 2012, p.41).

Vale ressaltar aqui que ao se relacionar com um adulto, criando situações de diálogo, as crianças, na medida em que vão interagindo, aprendem a usar a linguagem como instrumento de pensamento e como meio de comunicação, portanto, neste momento, o pensamento e a linguagem vão se associando, pensamento torna-se verbal e a fala racional.

Com o passar do tempo está criança já aprendeu a falar e conseqüentemente a usar o domínio da fala a seu favor e ao seu desenvolvimento, mas isto não é suficiente para se relacionar com o mundo, afinal, o que nos cerca é uma junção e associação de letras, símbolos e sons, então o aprendizado da linguagem escrita representa um avanço para o desenvolvimento infantil.

O domínio desse sistema complexo de signos fornece novo instrumento de pensamento (na medida em que aumenta a capacidade de memória, registro de informações, etc), propicia diferentes formas de organizar a ação e permite um outro tipo de acesso ao patrimônio da cultura humana. Promove modos diferentes e ainda mais abstratos de pensar, de se relacionar com as pessoas e com o conhecimento (REGO, 2012, p. 42).

Para Vygotsky o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade, assim o processo de aprendizagem e domínio da escrita já se inicia com as garatujas, rabiscos, desenhos e por fim o desenho das letras, e não se deve pensar que este momento é apenas o de desenhar letras de forma muitas vezes mecânica, mas entender que todo o processo é bastante complexo.

A aprendizagem consiste na internalização progressiva dos instrumentos mediadores e é uma aplicação do princípio antes mencionado: todo o processo psicológico superior vai do âmbito externo para o interno, das interações sociais para as ações internas, psicológicas (CASTORINA, 1995, p. 18).

Como se percebe, Vygotsky atribui enorme importância a dimensão social que fornece instrumentos e símbolos para a aprendizagem, ou seja, o aprendizado corre pela interação social que leva ao desenvolvimento gradativo humano. Sendo assim ele insurge com dois níveis de desenvolvimento: um se refere às conquistas já

efetivadas que ele nomeia de desenvolvimento real e o outro nível se refere as aprendizagens que futuramente se consolidarão, que ele chama de desenvolvimento potencial (REGO, 2012, p.44).

Assim, surge a partir da relação particular entre aprendizagem escolar com desenvolvimento, a hipótese de Vygotsky “Zona de desenvolvimento proximal”, a ZDP que pode ser definida como a distância entre o nível de resolução de um problema (ou uma tarefa) que uma pessoa pode alcançar sozinha e o nível que pode alcançar com a ajuda de outra pessoa (ANTUNES, 2013, p. 28).

O nível de desenvolvimento real pode ser compreendido comparando com as conquistas que já estão consolidadas pela criança, capacidades que ela já domina ações que ela realiza sem ajuda de ninguém. Já o nível de desenvolvimento potencial esta relacionado com as atividades que as crianças realizam, mas com o auxílio de um adulto, “por meio do diálogo, da colaboração, da imitação e, da experiência compartilhada” (REGO, 2012,p. 45).

Portanto, a distância entre aquilo que ela é capaz de fazer sozinha e de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza com ajuda e colaboração do grupo social (nível de desenvolvimento proximal) caracteriza aquilo de Vygotsky chamou de ZDP.

[...] Zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de brotos ou flores do desenvolvimento, ao invés de frutos do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1984, p. 97).

Assim a intervenção dos professores no processo de ensino e aprendizagem se torna indispensável, pois este deve orientar o desenvolvimento rumo a apropriação de instrumentos para a realização de diversas atividades, sendo assim este espaço dinâmico entre o que a criança só pode fazer com a ajuda de alguém, no futuro se ela “poderá fazer sozinha, dessa forma o desenvolvimento do individuo está precedido da aprendizagem” (CASTORINA, 1995, p.17).

É necessário neste instante então dar ênfase ao professor como mediador da aprendizagem, pois sem ele é impossível que o nível de desenvolvimento proximal se torne um desenvolvimento real, como Vygotsky coloca “[...] a aprendizagem organizada converte-se em desenvolvimento mental e coloca em

funcionamento uma serie de processos evolutivos que nunca poderiam ocorrer a margem do aprendizado” (VYGOTSKY, 1979, p. 139).

Deste modo, entende-se que para Vygotsky o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança, ou seja, desde bebê esta criança vai se relacionando socialmente e vai produzindo seu aprendizado e depois ela vai para a escola continuar este processo de aprendizagem. Entendendo todas as particularidades da Zona de desenvolvimento proximal, percebemos que o papel do professor é de extrema importância, haja vista que sua prática deve ser voltada para uma ação de mediação dos conteúdos, ou seja, das novas aprendizagens.

Vygotsky ao estudar todo este processo de desenvolvimento infantil e aquisição da linguagem oral e escrita faz uma importante distinção entre o conhecimento construído pela experiência pessoal e aquele construído no ambiente sistematizado da escola. Ele chama de conceitos cotidianos e conceitos científicos (REGO, 2012, p. 47)

Conceitos cotidianos são aqueles conhecimentos adquiridos a partir da observação, manipulação e vivencia direta da criança; já os conceitos científicos, são os conhecimentos adquiridos nas interações escolares pela aprendizagem sistematizada de conteúdos. Apesar de serem distintos, estes dois conceitos se relacionam e se influenciam, pois fazem parte de um único processo que é o desenvolvimento de conceitos (REGO, 2012, p. 47).

O processo de formação de conceitos é longo e complexo, pois envolvem os processos psicológicos superiores e envolvem operações intelectuais dirigidas, como a atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade de comparar e diferenciar.

Para aprender um conceito é necessário, além das informações recebidas do exterior, uma intensa atividade mental por parte da criança. Portanto um conceito não é aprendido por meio de treinamento mecânico, nem tampouco pode ser meramente transmitido pelo professor ao aluno. (REGO, 2012, p.48).

Vygotsky, inspirado pelo materialismo dialético, postula que o organismo e o meio exercem uma influencia recíproca, assim o biológico e o social estão totalmente associados. Sendo assim o homem se constitui ao longo de sua vida



pelas suas “interações sociais, daí surge que seu pensamento costuma ser muitas vezes chamado e reconhecido de sociointeracionista” (REGO, 2012, p.57).

Vale a pena ressaltar que na proposta sociointeracionista de Vygotsky, não há uma somatória entre os fatos inatos com os adquiridos e sim uma” interação dialética que se dá entre o ser humano e o meio social e cultural no qual este está inserido” (REGO, 2012, p.57).

É possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre o indivíduo e o meio, cada aspecto influenciando sobre o outro (REGO, 2012, p. 58).

As formulações de Vygotsky sobre a interação entre o biológico e o social foram à base do entendimento de que há uma explicação para as transformações dos processos psicológicos elementares, relacionados aos fatores biológicos do desenvolvimento constituído na sua relação com o outro social. Neste processo dialético o sujeito é constantemente estimulado pelo mundo externo e conseqüentemente internaliza o conhecimento. Assim a relação do indivíduo com o ambiente deve ser “mediada pelo trabalho e uso de instrumentos de signos” (REGO, 2012, p. 62).

Aqui cabe destacar algumas considerações sobre dos signos, de acordo com Bakhtin, signo é o fenômeno do mundo exterior, pois todos os seus efeitos aparecem na experiência exterior. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria para o desenvolvimento humano que acaba refletindo suas próprias lógicas e leis, está lógica por sua vez está associada à “lógica da comunicação ideológica e da interação semiótica de um grupo social” (BAKHTIN, 2014, p. 36).

Sendo assim, a existência de um signo nada mais é do à materialização da comunicação social que surge da palavra como fenômeno ideológico por excelência, sendo a palavra como o modo mais puro e sensível da relação social ela se manifesta na comunicação na vida cotidiana, tornando uma comunicação importante e rica em suas contribuições sociais para o desenvolvimento humano (BAKHTIN, p. 37).

Os signos resultam de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no processo de interação, ou seja, as formas de signo são condicionadas tanto pela organização social como pelas condições em que a interação acontece entre tais indivíduos. Assim todo o signo ideológico é marcado pelo horizonte social de um determinado grupo social. Portanto, Bakhtin coloca algumas regras indispensáveis a serem observadas a cerca desta compreensão de signos:

Não se separa a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da consciência ou em qualquer outra esfera fugida e indefinível);  
Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que um signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico);  
Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura). (BAKHTIN, 2014, p. 45).

Percebe-se a importância de se pensar sobre os signos, que indica uma atribuição ao papel de destaque da linguagem, que se constitui como fonte importante e inestimável de interação entre o sujeito com o meio social no qual está inserido.

Diante disso, surge a escola, a sala de aula e a prática docente diária que devem ser desafiadoras e instigantes, para que a construção de conceitos se efetive e que o nível proximal de desenvolvimento se torne o nível de desenvolvimento real. Sendo assim cabe ao professor criar as ZDP para que o aprendizado seja efetivado.

1 – Construir progressivamente um clima de relacionamento afetivo com os alunos; 2 – Definir com clareza e reiterar em todas as oportunidades possíveis as metas do trabalho a ser desenvolvido, os objetivos específicos nos quais as atividades respaldem em significação; 3 – O professor deve oferecer indicadores de participação nas atividades; 4 – Diversificação nas atividades, propondo desafios novos e linguagens alternativas; 5 – Modificações no decorrer do curso das aulas sempre que necessário; 6 – Toda a ação pedagógica deve ter em vista a autonomia do aluno; 7- Estabelecer uma relação entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios dos alunos; 8 – Linguagem clara e a mais explícita da parte dos alunos; e 9 – Recontextualizar e reconceituar o aprendido (ANTUNES, 2013, p. 33-41).

Cada um destes itens leva a uma ação pedagógica que se responsabiliza pela aprendizagem significativa, por meio de criações distintas de ZDP em salas de aula. Portanto, cabe ao professor perceber o que se deve ser feito para que o sucesso do processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma efetiva nas salas de aula.

Sendo assim, a obra de Vygotsky contribui para as ações pedagógicas, pois oferece elementos importantes para a compreensão de como se dá a interação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento. Cristina Rego ainda insurge com contribuições bem específicas do trabalho Vygotskyano para a educação. Para ela a obra de Vygotsky contribui no que diz respeito a valorização do papel da escola na apropriação da experiência cultural e social acumulada, pois esta instituição oferece, ao sujeito, conteúdos e desenvolve modalidades de pensamento bastante específicos, por meio de atividades sistematizadas (REGO, 2012, p. 63).

Vale destacar e ressaltar que Vygotsky não construiu uma teoria Vygotskiana sobre educação ou aprendizagem, ele apenas fornece subsídios para a reflexão na área da educação, como coloca Marta Kohl de Oliveira:

[...] sua produção escrita não chega a constituir um sistema explicativo complexo, articulado, do qual pudéssemos extrair uma “teoria vygotskiana” bem estruturada [...] Por isso mesmo seu trabalho, muito mais do que organiza, inspira a reflexão sobre o funcionamento do ser humano, a realização da pesquisa em educação e em áreas relacionadas a prática pedagógica (OLIVEIRA, 1993, p. 21).

Rego apresenta a qualidade do ensino passa pela premissa de que um bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, as obras e trabalhos de Vygotsky contribuem para que os educadores percebam que os processos de desenvolvimento são impulsionados pela aprendizagem, ou seja, só acontecerá um progresso se houver aprendizagem.

Ela ainda acrescenta:

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas idéias e suas teorias), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial do educando. Dessa forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar,

passando a constituir a base que possibilitará novas aprendizagens (REGO, 2012,p. 65).

A tese principal dos trabalhos de Vygotsky é a interação social para a ampliação e o desenvolvimento do indivíduo. Sendo assim, cabe à escola um redirecionamento do valor das interações sociais entre alunos e professores, passando a ser entendida como fator determinante para o aprendizado, para a produção do conhecimento, por meio de atividades que devam estimular o diálogo, a cooperação e a troca de informações que levará ao confronto de idéias. Cabe então ao professor “promover e permitir momentos de interação total entre os educandos, para que se efetive o processo de aprendizagem” (REGO, 2012, p. 67).

Posto que todo o processo de interação deve ser proporcionada pelos educadores, então cabe refletir sobre a importância da prática mediadora do professor na dinâmica das interações interpessoais e na interação das crianças com os objetos de conhecimento. Nesta perspectiva, as demonstrações, explicações, justificativas, abstrações e questionamentos do professor são fundamentais no processo educativo (REGO, 2012, p. 70).

Sobre as implicações vygotskiana para a educação tem-se as considerações de Oliveira (1995), que destaca três ideias básicas de Vygotsky que tem particular relevância para a questão do ensino escolar.

Sua primeira consideração remete ao desenvolvimento psicológico do aluno que deve ser olhado de maneira prospectiva, isto é, para além do momento atual, um desenvolvimento que influencia o futuro e não apenas se preocupe com o presente, destacando que a zona de desenvolvimento proximal é por excelência o domínio psicológico da constante transformação. “Em termos pedagógicos o professor deve provocar nos alunos avanços que não ocorreriam espontaneamente e sozinho” (OLIVEIRA, 1995, p. 43).

A segunda consideração se refere a percepção de que os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento, haja vista que a trajetória do desenvolvimento humano se dá de fora para dentro, por meio da internalização de processos. Em termos pedagógicos a escola e seus educadores devem pensar em uma prática que impulsiona o “desenvolvimento, sendo a escola provedora e encarregada de transmitir os sistemas organizados de conhecimento” (OLIVEIRA, 1995, p. 44).

A terceira consideração está diretamente ligada à importância da atuação dos membros do grupo social na mediação entre cultura e o indivíduo e na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados.

Isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação é que será possível para o indivíduo atribuir significados a suas próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos que podem ser interpretados por ele próprio a partir dos mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural e compreendidos por meios de códigos compartilhados pelos membros desse grupo (OLIVEIRA, 1993, p. 39).

Em termos pedagógicos, a importância da atuação de outras pessoas no desenvolvimento individual é evidente em situações em que o aprendizado é um resultado claramente desejável das interações sociais, sendo assim a ação deliberada e intencional dos professores torna-se o processo pedagógico privilegiado.

Os postulados de Vygotsky apontados pelas autoras Rego e Oliveira nos fazem pensar em uma escola bem diferente da que temos e conhecemos. A utopia nos leva a uma escola onde as pessoas realmente possam dialogar, duvidar, discutir e compartilhar saberes, mesmo porque, o referencial teórico vygotskiano nos aponta para processos pedagógicos deliberados e dirigidos para a fim de construir seres psicológicos que são membros de uma cultura específica. A escola deve ser um lugar social onde o contato com o sistema de escrita se dá de forma sistemática e intensa, potencializando os efeitos das conquistas culturais e sobre os modos antigos de se pensar, ou seja, uma escola autônoma e criativa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste trabalho, se buscou refletir e analisar como os processos de alfabetização e letramento se consolidam para o aluno, proporcionando seu ingresso real e pleno na sociedade letrada. O segundo ponto analisado foi o meio pelo qual a escola, na figura do professor, oferece este aprendizado sistematizado, ou seja, o método utilizado para a alfabetização.

Pela pesquisa bibliográfica constatou-se que a alfabetização possui diversos conceitos, mas todos se entrelaçam. Soares (2003) coloca a alfabetização como processo de aquisição do código escrito e das habilidades da escrita e da leitura. Moll ainda afirma acrescentando a definição de Soares, que alfabetização está vinculada as habilidades de codificação e decodificação.

Já Ferreiro(1991) pensa que a alfabetização precisa ser significativa e contextualizada para que o aluno realmente possa aprender. Freire complementa quando diz que a alfabetização deve promover o conhecimento juntamente com a visão crítica da realidade.

Todas essas reflexões nos levaram a entender que a alfabetização está totalmente, ou melhor, deve estar atrelada ao letramento que é a apropriação das práticas sócias da leitura.

Então, sendo a escola um dos meios da promoção da alfabetização e do letramento, está precisa ser um ambiente adequado e atrativo para que está ocorra da melhor forma possível.

Diante disso, está pesquisa mostrou, por meio dos pensamentos de Vygotsky, pelo Sociointeracionismo, que toda a prática pedagógica deve entender primeiramente que ninguém aprende sozinha, só há aprendizado quando há interação social, pois está leva ao desenvolvimento gradativo humano.

Se o aprendizado ocorre socialmente, não podemos nos abster de que na escola este aprendizado é sistematizado, organizado, concreto, pois na escola tudo o que a criança ainda não amadureceu, não desenvolveu, vai se aperfeiçoando pelas orientações corretas e decisivas do professor, que neste momento é mediador do desenvolvimento, ou seja, o que a criança não consegue fazer sozinha mas com a ajuda do outro poderá futuramente realizar sozinha.

Deste modo entendemos que para Vygotsky o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados, pelas interações sociais ela vai produzindo seu aprendizado.

Diante disso tudo se percebe é muito importante e necessário para o professor conhecer os diversos conceitos e alfabetização e letramento para poder organizar suas práticas pautadas em métodos de ensino que realmente promovam o aprendizado efetivo e completo para o aluno.

Percebendo isso, é importante conhecer sobre o método escolhido, aqui escolhemos por convicção o Sociointeracionismo de Vygotsky, para que este auxilie nas práticas pedagógicas que irão nortear todo o trabalho de alfabetização e letramento.

Frente a isso, espera-se que com este trabalho monográfico o professor possa conhecer os conceitos que envolvem a alfabetização e letramento e ainda desfrutar das principais contribuições do Sociointeracionismo de Vygotsky para a educação e por conseguinte que este trabalho auxilie para uma verdadeira prática que promova e entenda a importância da interação social para o sucesso da aprendizagem significativa.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Vygotsky. Quem diria? Em minha sala?**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ed., 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2014, 203p.

CASTORINA, José Antonio. **Piaget – Vygotsky: novas contribuições para o debate – A busca de um critério para a sua avaliação**. Ed Ática. Série Fundamentos. São Paulo. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23ª Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975 (Primeira edição em 1967).

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez: 1987.

FERREIRO, Emilia. & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4ª Ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo; Scipione, 1989.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do alfabetizador**. Ed Ática. 6ª Ed. 1991. Rio de Janeiro.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reiventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação. 1996, 195p.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Piaget – Vygotsky: novas contribuições para o debate – Pensar a Educação: Contribuições de Vygotsky**. Ed Ática. Série Fundamentos. São Paulo. 1995.

REGO, Maria Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórica cultural da educação**. Ed Vozes. 9ª Ed. Petrópolis/RJ. 2012.

ROJO, R.(Org). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1988.



SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ed., 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio n.29 fev/abr 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, 2004, nº25. Disponível em: . [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 ago 2014, 21h35m.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. Ed., 5º reimpressão - São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola – Uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2006.

TFOUNI, L. V. A escrita: remédio ou veneno? In: AZEVEDO, M. A.; MARQUES, M. L. **Alfabetização hoje**. São Paulo: Cortez, 1997.

UNESCO: Desafio da alfabetização global. Brasília- MEC – UNESCO, 2002 -2012.

VYGOTSKY. Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins fontes. 1987.